

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA GABRIELA CAROLINE LEAL

**O TRABALHO COMO CARIDADE: OS TRABALHADORES DOS
NÚCLEOS COLONIAIS NA SECA NO PIAUÍ (1877-79)**

PICOS - PI
2021

MARIA GABRIELA CAROLINE LEAL

**O TRABALHO COMO CARIDADE: OS TRABALHADORES DOS
NÚCLEOS COLONIAIS NA SECA NO PIAUÍ (1877-79)**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Graduação, Curso de Licenciatura plena em História, Universidade Federal do Piauí Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

.

Picos- PI
2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

L435t Leal, Maria Gabriela Caroline
O trabalho como caridade: os trabalhadores dos núcleos coloniais na seca no Piauí (1877-79) / Maria Gabriela Caroline Leal – 2021.

Texto digitado
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro”

1. Trabalhadores. 2. Seca-Imigração. 3. Colonos-Piauí. I. Monteiro, Francisco Gleison da Costa. II. Título

CDD 981.22



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, Maria Gabriela Caroline Real,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação O Trabalho como caridade: os trabalhadores dos núcleos coloniais na seca no Piauí (1877-79), de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 12 de maio de 2021.

Maria Gabriela Caroline Real
Assinatura

Assinatura



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e nove (29) dias do mês de janeiro de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **MARIA GABRIELA CAROLINE LEAL** sob o título **O TRABALHO COMO CARIDADE: OS TRABALHADORES DOS NÚCLEOS COLONIAIS NA SECA NO PIAUÍ (1877-79)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 1: Prof. Ms. José Lins Duarte
Examinador 2: Prof. Ms. Cássio de Sousa Borges

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 29 de janeiro de 2021.

Orientador (a):

Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador (a) 1:

José Lins Duarte

Examinador (a) 2:

Cássio de Sousa Borges

*À Marizete, minha mãe e Juscelino, meu pai,
meus exemplos de vida, pessoas guerreiras,
que sempre me inspiram a não desistir, todo
sucesso será para honrar vocês!*

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus a cima de tudo por ter me dados forças através da minha fé e ter me mantido firme para superar todos os obstáculos até aqui enfrentados.

Gratidão aos meus pais que sempre me incentivaram a não desistir e acreditam na minha capacidade, pois este trabalho é fruto dos seus esforços pela minha educação.

Aos meus amigos por me darem forças e compreender o meu isolamento em muitos momentos, não citarei nomes pois acredito que todos se sentirão agradecidos.

A todo o corpo docente que contribuiu direta e indiretamente transmitindo o seu conhecimento com excelente profissionalismo.

Ao meu Orientador Francisco Gleison da Costa Monteiro, por ter sido paciente comigo, respeitando as minhas limitações e o mais importante depositando sua confiança em mim, sou imensamente agradecida pois esta fase de conclusão é a mais complicada, pois antes e durante o curso muito se ouve sobre o temido “*Teste de Conclusão de Curso*”, e as pressões sob os discentes e você está mostrando totalmente o contrário, mais uma vez obrigada, seu apelido informal (O Deus) entre os discentes faz jus a você.

Aos meus colegas de curso pelas trocas de experiências e ajudas mutuas.

Vozes da seca

*Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem qui é
são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
É por isso que pidimo proteção a vosmicê
Home pur nós escuído para as rédias do
pudê
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem
chovê
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem
cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de
barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a
açudage
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa
estiage
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa
corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra
nação!
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo
nesse chão
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa
mãos. (Luiz Gonzaga)*

RESUMO

Este trabalho historiográfico está amparado nos trabalhadores dos núcleos coloniais na seca no Piauí (1877-79). O entusiasmo em desenvolver esta pesquisa, se deu devido à participação de pesquisa PIBIC/CNPq, como bolsista do projeto *Trabalho, pobreza e caridade: as ações das Comissões de Socorros aos desvalidos na seca no Piauí (1877-79)*, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas fontes como, Cartas manuscritas das Comissões de Socorros Públicos, encontradas no Arquivo Público do Estado do Piauí, análise de jornais, livros e algumas teses, com isso utilizei como método de análise, teorias e revisões bibliográficas. É necessário que compreendemos a seca, neste triênio 1877-79. Foi um período marcado pelas inúmeras investidas das implantações dos meios de assistencialismo do poder central da Província do Piauí, além disso o fenômeno climático seca, passou a ser utilizado como formas de poder, exploração e das barganhas. No primeiro capítulo discorre-se acerca da problemática da seca, bem como suas consequências a partir do olhar da população. O segundo capítulo desenvolve-se em torno da assistência prestada à população, as principais medidas tomadas tanto no combate às dificuldades, quanto no que diz respeito à recepção da grande quantidade de imigrantes, assim como qual a contribuição das cartas escritas na época para a compreensão do período trabalhado nesse projeto.

Palavras Chaves: Trabalhadores. Seca. Imigração. Colonos. Piauí.

ABSTRACT

This historiographic work is supported by the workers of the colonial nuclei in the drought in Piauí (1877-79). The enthusiasm to develop this research was due to the participation of PIBIC/CNPq research, as a scholarship holder in the project Work, poverty and charity: the actions of the Aid Commissions for the underprivileged in the drought in Piauí (1877-79), under the guidance of Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro. For the development of this research, sources such as, Handwritten letters from the Public Aid Commissions, found in the Public Archives of the State of Piauí, analysis of newspapers, books and some theses were used, with this I used as a method of analysis, theories and bibliographic reviews. It is necessary that we understand the drought, in this 1877-79 triennium. It was a period marked by the innumerable onslaught of the implantation of the assistentialism means of the central power of the Province of Piauí, in addition to the dry climatic phenomenon, it started to be used as forms of power, exploitation and bargains. In the first chapter, the problem of drought is discussed, as well as its consequences from the point of view of the population. The second chapter develops around the assistance provided to the population, the main measures taken both in the fight against difficulties, and with regard to the reception of the large number of immigrants, as well as the contribution of letters written at the time to understanding of the period worked on in this project.

Keywords: Workers. Drought. Immigration. Settlers. Piauí.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I CAPITULO	16
PERCURSO HISTORIOGRÁFICO: NARRATIVAS SOBRE A GRANDE SECA (1877-79)	16
1.1 “Vidas Secas”	16
1.2 A seca como um problema nacional	20
CAPITULO II	24
SUPPLICAS: CONHECENDO OS MEIOS DE ASSISTENCIALISMO	24
2.1 Imigração: Ocupação de Território e Crise das Localidades Piauienses	25
2.2 Meios de Assistência Oferecidos Pelo Governo	28
2.3 A intervenção feminina e o auxílio do Jornal “Época”	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
BIBLIOGRAFIA	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho historiográfico está amparado nos trabalhadores dos núcleos coloniais na seca no Piauí (1877-79). A seca neste período foi muito intensa, perdurando cerca de três anos, e isto fez com que centenas de pessoas ficassem desamparadas, sendo chamados de *desvalidos*¹, devido a isso, passaram a se refugiar em outras localidades, como onde hoje são as atuais capitais estaduais Teresina (PI) e Fortaleza (CE).

Visto que ao pensarmos na seca, não iremos mais relacionar somente com o fator climático, mas social, pois, muitas vidas foram lesionadas por conta de tal fenômeno, muitas delas tiveram que abandonar o seu “cantinho”, para ir em busca de uma vida que lhes pudessem ser ofertados pelo menos o sustento familiar. Entretanto, é essencial que saibamos quando se deu a intervenção da Província, e quando o fenômeno climático da seca se tornou um fenômeno social.

As repercussões da seca de 1877 ficaram evidentes na Província do Piauí, onde a Serra da Ibiapaba, fronteira natural com a Província do Ceará, concentrou retirantes das duas províncias. Inicialmente, as vilas mais afetadas pela falta de chuva, morte de gado, perda da lavoura e presença de emigrantes foram Jaicós, Príncipe Imperial e Independência; contudo, a presença de retirantes do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco interferiu no mercado local na maioria das vilas².

Os jornais do Piauí passaram a relatar então casos isolados de manifestações de estiagem. Em 1878, a seca se tornou um problema de grandes dimensões para o estado, sendo solicitado até mesmo medidas por parte do poder público.

¹ O termo “desvalido” foi empregado na primeira metade do século XIX originalmente associado à violência. Essa relação se intensificou quando d. Pedro I ao outorgar a Constituição de 1824 precisou instituir a Guarda Nacional para defendê-la porque a sua imposição gerou revoltas nas províncias. [...] Nessa conjuntura político-social, o termo “desvalido” era basicamente empregado para designar alguém vítima de violência, que devido a sua condição de velho, mulher ou criança era considerado incapaz de se valer pelos seus próprios meios. [...] Na primeira metade do século XVIII a palavra “desvalido” foi empregada pelo escritor José de Alencar no romance cearense *O sertanejo* para caracterizar uma situação na qual uma viúva pedia refúgio a um potentado rural local. [...] no Ceará até 1877, quando eclodiu uma “grande seca” e as secas na região Nordeste passaram, em importância, a se sobrepor a violência, relegando o problema da falta de segurança pública a um segundo plano. A partir dessa data o termo “desvalido” foi ressignificado, sendo associado quase que exclusivamente ao retirante fugitivo das estiagens. (SOUZA, José Weyne Freitas. *Secas e Socorros públicos no Ceará doença, pobreza e violência (1877-1932)*. Projeto História, São Paulo, n. 52, pp. 178-219, jan. -abr. 2015. p. 180-182).

² BARBOSA, Edson. *Zonas de Contato no Piauí Oitocentista, rotas de retirantes e escravizados*. Ano I, Vol. I, Num. 2 (2013) Artigos ISSN: 2317-1979

De acordo com estas questões é que se dá o presente trabalho. A inspiração para o desenvolvimento dessa pesquisa é fruto da participação de pesquisa PIBIC/ CNPq, como bolsista do projeto *Trabalho, pobreza e caridade: as ações das Comissões de Socorros aos desvalidos na seca no Piauí (1877-79)*, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas Cartas manuscritas das Comissões de Socorros Públicos, disponíveis no Arquivo Público do Estado do Piauí, assim como a análise de jornais, livros e teses, com isso utilizou-se como método de análise, teorias e revisões bibliográficas e como fonte de referência também foram utilizados dados e relatórios do acervo da NUPEM- Núcleo de Pesquisa, História e Memória da UFPI além de artigos que fazem análises sobre o período da seca não somente no Piauí como também em todo o Brasil.

No entanto, foi feita a transcrição das Cartas das Comissões de Socorros no Piauí, vale ressaltar que foi a partir delas que eram solicitados auxílios aos retirantes, estes documentos são cunho oficial, e eram escritos pelos integrantes das comissões, tais como, Delegados, Capitães, Clérigos, entre outros, afim de amenizar o sofrimento resultante da seca, como também nos servem para mostrar as dificuldades que eram o período.

E ao analisar alguns jornais da época, principalmente o *Jornal A Época*, haviam várias denúncias, quando se tratava do desvio de verbas de alimentos que eram destinadas aos retirantes, como também nas cartas da Comissão de Socorros, encontradas na APEPI (Arquivo Público do Estado do Piauí), por exemplo, no conteúdo das cartas eram encontradas além do pedido dos alimentos, muitas suplicas e lamentos, haviam também relatos de roubos de mercadorias, segundo eles realizados pelos próprios retirantes, e a intenção desse relato era fazer com que o governo de sensibilizasse e fossem mais caridosos, enviando-lhes mais recursos.

É necessário que compreendamos a seca, neste triênio 1877-79. Foi um período marcado pelas inúmeras investidas das implantações dos meios de assistencialismo do poder central da Província do Piauí, além disso o fenômeno climático da seca, passou a ser utilizado como formas de poder, exploração e de barganhas. É importante evidenciar que ao longo das análises das notícias dos jornais da época a respeito do fenômeno, mostrava que as notícias eram semelhantes, quando se trata das Comissões de Socorros, desvios de verbas, entre outros. Ou seja, o problema não solucionado, ficando um acervo de informações a serem analisadas.

Na primeira e segunda metade do século XIX, foram os períodos de estiagem que atingiram efetivamente a vida de diversos sertanejos, nas Províncias do Piauí, Ceará, Maranhão, Pernambuco, entre outros estados, ou seja, aqueles lavradores que para sobreviver

tinham como principal fonte de renda a agricultura e a pecuária. Com a escassez das chuvas, o que já havia sido semeado não brotou, como também não puderam mais cultivar, logo o gado ficou raquítico, doente, fazendo com que ficasse inapropriado para o consumo. Mediante a estes fatos as famílias encontrando-se na miséria, foram obrigados a locomover-se para outras regiões. Estes fatos estão presentes em documentos oficiais do Governo Central e Provincial e nos Jornais da época.

Lara Vanessa de Castro Ferreira (2009), e Georgina da Silva Gadelha juntamente com Zilda Maria Menezes Lima (2017) falam de quando o fenômeno da seca se tornou um problema social, como também a necessidade dos meios de assistências estabelecidos. Desse modo, à gravidade da seca tornou-se um problema, devido Piauí ter se tornado um trajeto de retirantes, oriundos principalmente do estado do Ceará, mas haviam migrantes dentro do próprio estado.

Com o alto número de desvalidos sem moradias, doentes e famintos, nos centros urbanos, fez com que os Governos Centrais (Provinciais e Imperiais) tomassem medidas para que fossem amenizados estes problemas. No entanto foi criado os métodos de assistencialismo e foram tentando colocar em prática, lembrando que, foi um processo lento mesmo mediante a urgência das causas. Foi instaurado as Comissões de Socorros Públicos (BARBOZA, 2013), que tinha como principal objetivo distribuir recursos para a sobrevivência dos migrantes. Foi implantado outro meio assistencialista que eram os Núcleos Coloniais, aonde eram fornecidos recursos aos retirantes e ofertava-se trabalho, principalmente aqueles que pudessem desenvolver a agricultura.

No entanto, os meios de assistencialismo nas províncias tinham o intuito de amenizar o sofrimento daqueles que estavam na miséria, mas, notamos que quando se tratava de praticar corretamente esses meios a história era distorcida, em vista que esses programas criados pelo Governo Central e implantados pelo Governo Provincial, fez com que houvessem uma disputa de poderes, no Piauí quando se tratava de política, esta era baseada em falcaturas. Além dos desvios de verbas, haviam exploração nos projetos de assistencialismo, incluíam os retirantes nas construções de obras públicas, pois ofereciam-lhes mão-de-obra barata, como também viviam em ambientes insalubres, proliferando doenças, a vista que, este era um meio de afastá-los dos centros urbanos.

É perceptível que o governo e a elite incluindo os fazendeiros, aproveitavam-se do seu poder para explorar os retirantes. Desse modo, a exploração era constante daqueles que só queriam a chance de viver, e eram os chamados escravos livres. É significativo se ater ao cotidiano dos trabalhadores dos Núcleos Coloniais contratados pelos fazendeiros no período das estiagens, sobretudo, no tempo histórico 1877-79. Ao pensarmos sobre a seca notamos que

ela por muito tempo era um mero fenômeno climático, como afirma Maria Mafalda Baldoino de Araújo:

Durante muito tempo, a “seca” no Nordeste foi entendida como um fenômeno físico, uma ingratidão da natureza com o homem da região. Esta imagem embasou o discurso oficial, justificou as demandas por verbas governamentais e as de exploração do trabalho.

A “seca” como expressão de estiagens periódicas prolongadas era responsabilizada pela pobreza, fome e dificuldades das populações locais.³

A principal responsável pela miséria sertaneja, durante longos períodos de estiagem. Através da imprensa, especialmente os jornais impressos, foram um grande aliado na contribuição da criação da “caridade” ofertada pelos ricos, ou seja, o Governo Central e Provincial. A grande seca durou três anos, e a Província do Piauí vinha a receber verbas, tais como: alimentos, vestimentas, medicamentos. A finalidade era amenizar o sofrimento devido à seca, e com isso vieram a criar os meios de assistencialismo como as Comissões de Socorros Públicos, as pessoas que compunham estas comissões, eram aqueles que tinham um status social influentes, como os Vigários, Delegados, entre outros. E convém problematizar que os mesmos abusavam dos seus poderios para tirar proveitos dos necessitados, e fazer acordos para trapacear com os transportadores das comissões.

Portanto, o trabalho é baseado em análises, das quais não são nada simples. É notável que além das dificuldades desses povos que tinham como principal fonte de renda e de sobrevivência, o plantio e a criação de animais, foram a exploração desenfreada dos mesmos, vemos isto ao observarmos como se dava a administração política e econômica local.

O presente trabalho inicia-se abordando a problemática da seca, de acordo com as narrativas presentes daquela época, e suas consequências para a população e o olhar desta a respeito de todos os problemas e dificuldades trazidas por ela. Por conseguinte, discorrer-se-á sobre o período aonde é aplicada a assistência prestada à população e as principais medidas tomadas tanto no combate às dificuldades, quanto no que diz respeito à recepção da grande quantidade de imigrantes que chegaram na região em busca de melhores condições de vida e de trabalho, condições estas que infelizmente não foram encontradas bem como os trabalhadores através de relatos provinciais e jornais daquela época e toda a sua repercussão e contribuição como documentação acerca dos principais fatores determinantes para a seca e da produção gerada nas províncias, através da sua mão de obra até a chegada no mercado para ser

³ ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *O poder e a seca de (1877 a 1879) no Piauí*. Teresina: Academia piauiense de Letras, 1991. p. 7.

comercializados e qual a contribuição das cartas escritas na época para a compreensão do período trabalhado nesse projeto.

I CAPITULO

PERCURSO HISTORIOGRÁFICO: NARRATIVAS SOBRE A GRANDE SECA (1877-79)

A princípio vamos fazer um passeio retrospecto aos primeiros registros sobre a seca, conhecemos a história da ocupação no Nordeste que teve início a partir do litoral Pernambucano à Bahia em meados do século XVI na Era Colonial, no entanto devido à instabilidade das estações, era vantajoso o cultivo da cana-de-açúcar nas regiões mais úmidas. José Nilson Campos (2014), faz uma análise descritiva de quando se iniciou os primeiros relatos de seca, mas, é importante ressaltar que ele diz que no Brasil Colonial não tinha Políticas de combate à seca, mas sim Políticas Públicas, pois, foi onde o povo e o Governo estavam tomando nota sobre o tal fenômeno.

Torna-se necessário saber como e em que condições a seca passou a ser tratada como um evento que exigia a intervenção na Província. Para pensarmos a seca com um olhar crítico, principalmente os meios assistencialistas direcionados aos migrantes piauienses, de modo geral, os períodos de estiagem nos anos de 1877 a 1879 interferiram diretamente na vida de muitos sertanejos, que viviam de seus plantios. A falta de chuva, fez com que não houvesse plantações e deixou o gado raquítico, impróprio para consumo e, até mesmo doente, chegando a perda total. A busca por novos rumos, tornava-se inevitável, pois caracterizava como a tentativa se manter-se vivo, juntamente com família e agregados. Nesse sentido, o sertanejo via-se obrigado a vagar pelas estradas secas, levando o que podia.

1.1 “Vidas Secas”

Na obra “*Vidas Secas*” de Graciliano Ramos, escrita e publicada no recorte temporal anterior ao presente da pesquisa, tem-se que a seca vem aterrorizando desde o século XV, e infelizmente posteriormente a isso a situação só se agravou, ao que diz respeito a obra ela conduz uma narrativa que conta um pouco sobre as aflições da família sertaneja numa caminhada cruel pela aridez da caatinga, fazendo com que marchassem para se refugiar nas fazendas em busca de condições de vida propícias. A obra vai mostrar que *Vidas Secas*, representa um ciclo do qual, quando menos se espera as condições se agravam e as famílias de retirantes são obrigadas a se deslocar novamente.

Solimar de Oliveira Lima (2015), aponta que é muito importante compreender este processo migratório, através de uma análise histórica desde o século XVI ao XIX, além disso

analisa as características do processo de ocupação e transformação do território piauiense, quando a pecuária era a principal atividade econômica do estado, no entanto ele trabalha com fontes de relatos de viajantes estrangeiros. Mas ele primeiramente realiza um percurso histórico desde o século XVI, onde as terras do litoral serviam como rotas comerciais, assim como a exportação do açúcar, e o uso dos escravos para as plantações, e as fazendas de gado, onde se exportavam as carnes e animais vivos.

A circulação de agricultores e vaqueiros entre as marcas incertas, que já era comum em períodos de normalidade, ficaram mais intensas com a eclosão da seca.

“A emigração em larga escala se inicia com a grande seca, de 1877 a 1879, a qual deixou memória em toda a região até os dias de hoje. Três anos seguidos sem chuvas, sem sementeiras, sem colheitas, os rebanhos morrendo, os homens fugindo para não morrer. É verdade que, em secas anteriores, haviam-se registrado emigrações para além das fronteiras da província que era a principal vítima da falta de chuvas, o Ceará. João Brígido afirma que, na seca de 1792, emigrações houve das fronteiras do Ceará para as terras úmidas do Piauí, e que o êxodo dos sertanejos adquiriu maiores proporções em 1825, estendendo-se até o Pará. Reconhece, porém, que só se torna intensa - “intensíssima” - depois de 1877”

Com esse processo intenso, as fazendas foram se expandindo e povoando o sertão nordestino. E no Piauí as fazendas eram bem cuidadas por poucos vaqueiros, mas é interessante que fiquemos atentos a esse detalhe da origem das fazendas com a gênese da formação social no Piauí, que teve início com o rio São Francisco.

O autor vai falar mais sobre as descrições que o governador João da Maia Gama, de 1728, onde vai relatar seu percurso que vai do Maranhão a Vila da Mocha que agora é a atual Oeiras Piauí, percorreu diversas fazendas, em Aroazes e Parnaíba, relata além de outros assuntos como o trabalho humano que era em currais e fazendo vaquejadouros para o gado adentrar as matas, em busca das cacimbas, açudes, aguadas. E o trabalho de infraestrutura não fazia parte da rotina no pastoreio, pois exigia muita força física e com isso foi desvalorizada.

O movimento migratório, segundo Frederico de Castro Neves, ocorria quando não havia mais esperanças de chuvas.

O abandono de suas casas e plantações só acontecia quando as últimas esperanças de chuvas já se haviam desvanecido e os grãos, que ficariam para as sementes, sido consumidos. Isso significava que, logo no início

da jornada, já era precário o estado de saúde e de nutrição das famílias. Já saíam famintos de suas terras.⁴

Esse fenômeno migratório, fez com que o conceito de pobreza, caridade e responsabilidade social, se transformasse, levando o governo a assumir a gestão da pobreza sob as formas de controle, disciplina e caridade, com aparência filantrópica. Tal concepção, de acordo com Marcílio, surge para “dar continuidade a obra de caridade, mas sob uma nova forma de assistência”⁵. As ações em prol dos retirantes voltaram-se para os interesses do poder público e da elite local. A seca que de fato começou a atingir fortemente a população no setor econômico foi ainda no período Colonial em 1777-1778. “Nessa seca, que ficou conhecida como a seca dos três setes [...]”⁶. Mas a seca que mais castigou foi a então conhecida *Grande seca 1877-1879*, na era Imperial.

Memória refrescada, torna-se necessário saber como e em que condições a seca passou a ser tratada como um evento que exigia a intervenção na Província. Para pensarmos a seca com um olhar crítico, principalmente os meios assistencialistas direcionados aos migrantes piauienses, de modo geral, os períodos de estiagem nos anos de 1877 a 1879, interferiram diretamente na vida de muitos sertanejos, que viviam de seus plantios. A falta de chuva, fez com que não houvesse plantações e deixou o gado raquítico, impróprio para consumo e, até mesmo doente, chegando à perda total. A busca por novos rumos, tornava-se inevitável, pois caracterizava como a tentativa de manter-se vivo, juntamente com família e agregados. Nesse sentido, o sertanejo via-se obrigado a vagar pelas estradas áridas, levando o que podia.

Além disso as fazendas foram se expandindo, povoando o sertão nordestino. E no Piauí elas eram bem cuidadas por poucos vaqueiros, mas é interessante que fiquemos atentos a esse detalhe da origem desses espaços com a gênese da formação social no Piauí, que teve início com o rio São Francisco.

O autor vai falar mais sobre as descrições que o governador João da Maia Gama, de 1728, onde vai relatar seu percurso que vai do Maranhão a Vila da Mocha que agora é a atual Oeiras, Piauí, percorreu diversas fazendas, em Aroazes, Parnaíba, ele relata além de outros assuntos como o trabalho humano que era em currais e fazendo vaquejadouros para o gado adentrar as matas, em busca das cacimbas, açudes, aguadas. E o trabalho de infraestrutura não fazia parte da rotina no pastoreio, pois exigia muita força física e com isso foi desvalorizada.

⁴ NEVES, Frederico de Castro. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 11, num. 22, 2007. p. 27.

⁵ MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: HUCITEC, 2006. p. 195.

⁶ CAMPOS, José Nilson B. *Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos*. 2014. p. 69.

O movimento migratório, segundo Frederico de Castro Neves, ocorria quando não havia mais esperanças de chuvas.

O abandono de suas casas e plantações só acontecia quando as últimas esperanças de chuvas já se haviam desvanecido e os grãos, que ficariam para as sementes, sido consumidos. Isso significava que, logo no início da jornada, já era precário o estado de saúde e de nutrição das famílias. Já saíam famintos de suas terras.⁷

Esse fenômeno migratório, fez com que o conceito de pobreza, caridade e responsabilidade social, se transformasse, levando o governo a assumir a gestão da pobreza sob as formas de controle, disciplina e caridade, com aparência filantrópica. Tal concepção, de acordo com Marcílio, surge para “dar continuidade a obra de caridade, mas sob uma nova forma de assistência”⁸. As ações em prol dos retirantes voltaram-se para os interesses do poder público e da elite local.

1.2 A seca como um problema nacional

A autora Lara Vanessa de Castro Ferreira, em “*Enxadas e compassos*”, vai tratar de como a seca passou a ser vista como um problema de proporção nacional na metade do século XIX, e conseqüentemente isso tornou-se um dos principais assuntos do Norte. Traz também questões de como o governo teve que intervir com ações. E como dito anteriormente por conta da grande seca a população ia para os litorais, principalmente para a capital Fortaleza, no entanto sabemos que o campo também passou por uma grande estiagem. Essa autora em questão nos mostra de forma geral e através de suas pesquisas baseadas “nas fontes de jornais cearenses sobre o período, relatório de serviços executados pela comissão em estudo, documentos técnicos diversos, correspondências, documentos oficiais e obras bibliográficas do período”.⁹

Um dado interessante é que a autora é filha de retirante e neta de um trabalhador de obras contra as secas, dado isso vemos que a sua obra é baseada além das fontes, do seu imaginário que foi a partir das histórias do seu avô que para ela era mais uma estória, pois ela narra que na sua época atual é só fartura, e como o seu avô sempre lhe contava histórias do seu tempo e com o seu grupo de pesquisa passou a ter contato com as fontes, das quais despertou

⁷ NEVES, Frederico de Castro. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará*. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 11, num. 22, 2007. p. 27.

⁸ MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: HUCITEC, 2006. p. 195.

⁹ FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Enxadas e Compassos: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915-1919)*, Salvador, 2009. p. 9.

seu interesse no tema. A importância de estar trazendo essa breve descrição de um relato é que antes de adentrarmos de cara numa pesquisa, é observar o lugar social do seu autor e os seus interesses, ela diz uma coisa de suma importância na citação a seguir:

Acredito que a fonte encontrada é como um diamante que, ainda sem ser lapidado, não oferece o brilho desejado. Sendo o diamante a substância mais dura da natureza, cortar e lapidar este artefato não é uma tarefa fácil. É necessário encontrar as linhas que cada diamante possui e isto requer um cuidadoso estudo de cada pedra. Do mesmo modo, os documentos históricos necessitam de um minucioso estudo crítico para entender as texturas dos discursos.¹⁰

A autora aponta que de acordo com as fontes em 1877 o Ceará passou por um grande período de estiagem, e com isso a economia cearense foi afetada, pois sua principal fonte econômica era a produção e exportação de algodão. Muitos comerciantes, fazendeiros, entre outros foram a falência, pois, “Foi na seca de 1877 que cenas de tragédias e horrores foram descortinadas. Fome, falência, migrações vultosas, furto, prostituição, peste e morte compuseram este quadro.”¹¹

Como ficaram sem terra para trabalhar e cultivar e sem comida, o que lhes restavam como meros flagelados era irem em retiradas para os centros litorâneos cearenses, iam para outros estados, mas preferiam em sua grande parte a capital cearense, Fortaleza. Vendo tudo que estava acontecendo os moradores da capital ficaram abalados, assim como a elite a princípio.

Por conta desses problemas as autoridades foram obrigadas a tentarem conter os fatos, e com isso foram criados os socorros públicos, que lhes davam comida, passagens e empregavam alguns em obras públicas. No entanto os homens letrados observando toda essa calamidade juntamente com o poder público e em outubro de 1877, muitas reuniões foram feitas com a intenção e objetivo de criar estratégias para resolver o problema em torno da seca. E esse período ficou marcado por uma dualidade, primeiro o problema da seca virou uma responsabilidade nacional e segundo porque esse problema iria atrapalhar o desenvolvimento do Brasil.

Quando a Monarquia virou República começaram novamente a procurar meios de resolver o problema da seca, porém a melhor ação encontrada pelo Estado foi permanecer com as obras públicas, dessa forma, foi criada uma Inspeção de Obras Contra a Seca em 1909, o órgão ficaria responsável em combater as secas nas regiões entre Piauí e Minas Gerais.

¹⁰ (FERREIRA, 2009, p. 15-16).

¹¹ (FERREIRA, 2009, p. 19).

Com essa narrativa da Lara Vanessa, outras autoras que nos trazem informações da época é a Georgina da Silva Gadelha juntamente com Zilda Maria Menezes Lima, em “*Cortejo de Miséria*”, a autora vai dá uma certa continuidade a obra anterior, mas ela vai falar sobre a segunda metade do século XIX, dando ênfase a grande seca de 1877-1879. Foi um período que preocupou os governantes por conta do grande fluxo de imigrações do campo para a cidade. A princípio os líderes da província não obtiveram a causa de bom grado, até por que eles iam ter que gastar com rações e medicações para estes. A citação a seguir tirada do jornal *O Retirante* (1877, p. 3) vai descrever um pouco da chegada desses pobres flagelados.

Impossível é contar-se as caravanas de emigrantes que aqui chegavam (em 1877) vindos de diversos pontos da província, descalço, andrajosos, imundos, macilentos, desenhados na fisionomia os horrendos sintomas da miséria! Este quadro desolador é a reprodução, em traços muito mais negros e salientes, das secas de 1724 a 1727, de 1733 a 1736, de 1777, 1792, 1825, 1827 e 1845. De tão dolorosa e repetida experiência a nossa indolência e imprevidência não colheu uma só lição!¹²

A taxa de mortalidade infantil foi grandiosa, por conta das mudanças climáticas, “A fome alimentar, somada às altas temperaturas, causava desnutrição e doenças, sobretudo, as gastrointestinais na infância, fazendo com que o índice de mortalidade infantil fosse superior ao de adultos”¹³, da falta de saneamento básico automaticamente as crianças como mais frágeis adoeciam e morriam com as epidemias. Foi criado “A Colônia Orfanológica Cristina, destinada a asilo de órfãos desvalidos e a escola de agricultura, fora instalada a 45 quilômetros da capital.”¹⁴ Como afirma Frederico de Castro Neves (2007), que até meados do século XVIII, quem mais sofria com a seca era o gado e os rebanhos, pois até então o que se sabia era somente de percas de cunho material, mas, no século XIX, esse quadro se agravou, de fato que a mortalidade humana em geral tomou uma proporção expressiva. Fazendo com que iniciassem as migrações do campo para as cidades.

O governo então usou os acontecimentos como estratégia política assistencialista, criando alguns pontos de apoio para essas famílias que iam em busca de socorros, no entanto era para afastá-los dos centros das cidades que estavam em processo de modernização e aquelas pessoas não eram bem vistas pelas elites. Nesta época a violência foi grande, e uma época marcada pela fome, doenças e assassinatos.

¹² GADELHA, Georgina da Silva, LIMA, Zilda Maria Menezes, *Cortejo de Miséria: seca, assistência e mortalidade infantil na segunda metade do século XIX no Ceará*. História e Cultura, Franca, v. 6, n. 2, p. 101-118, ago.-nov. 2017. p. 10.

¹³ GADELHA, LIMA, 2017, p.3.

¹⁴ GADELHA, LIMA, 2017, p.7.

Além dessas causas, haviam sujeitos que se aproveitavam do desespero por trabalho para sustentar suas famílias, que eram os abarracamentos, responsáveis pelos imigrantes e lá forneciam teto e alimentação, no entanto tinha trabalho onde o pagamento variava de acordo com as atividades desenvolvidas. As mulheres e órfãos não eram mandados de volta para o sertão, pois eram vistos como inválidos, ao contrário disso eles permaneciam nas cidades fazendo com que os governantes criassem ações, projetos, dentre outros para inseri-los.

No entanto houveram denúncias destas explorações, como afirma Roberta Barros Meira (2017), fala dos inquéritos como o realizado pelo Ministro da Fazenda, da Justiça e da Agricultura. O primeiro congresso Agrícola do Sul ocorreu entre 8 e 12 de julho de 1878, organizado por João Lins Vieira Cansanção de Sininbú, foi realizado na capital com a participação de várias províncias. No entanto da ênfase também nas questões onde os agricultores do Norte utilizaram como forma de protesto, os questionamentos propostos pelo Sul, pois só foram quatro regiões do Sul que foram abarcadas as causas, ou seja, questões como as do Norte e Nordeste eram deixadas “para depois”. Ainda diz que há um vasto acervo de inquéritos a respeito das explorações e outras questões, mas também inquéritos que privilegiam direta ou indiretamente as questões econômicas, assim como a transição da mão de obra escrava para a livre, mas o problema é a falta de documentação que fale sobre as questões tecnológicas e ambientais.

A partir disso ela lamenta que algumas causas nos inquéritos não foram ouvidas, mas isso não quer dizer que deixaram de ser importantes. Com a crise no Norte (atual Nordeste) foram necessárias as mudanças nos espaços de agrícolas com a modernização, que era de fato a implantação de mudanças tecnológicas e ambientais.

Já no artigo “*Imprensa e fotografia*” A autora Marta Emisia, coloca as visões que vários autores tinham a respeito da imagem da seca no Ceará, e como eles descreviam esses povos em suas obras, como gentes de costumes bizarros, que se alimentam de coisas que de fato não serviriam de alimentos para outros, como a exemplo falam dos calangos, ratos, couro de boi, e outros, situação vista nos dias atuais. Pois pela curiosidade dos relatos e da “famosa grande seca”, muitos pesquisadores e escritores da época vieram para a região para prestigiar esse cenário digno de piedade. O vereador Esteves de Almeida, por exemplo, afirma que os povos comiam, corvos, cobras, ratos, entre outros. Crianças eram descritas através dos ângulos fotográficos para mostrar além dos seus corpos magros o cenário de miséria e o fotógrafo era o Joaquim Antônio Corrêa, que tinha um Atelier em Fortaleza

Ela fala também da chegada de José do Patrocínio que veio com o objetivo de produzir um livro e produzir informações para a publicação em jornais, além de suas produções textuais,

o José passou a fotografar as crianças desnutridas por conta da grande seca, e com seus relatos e fotografias chocou o Império com seus relatos. E através das suas imagens que de fato mostravam a realidade, e sempre que falavam de secas conseqüentemente a pobreza era inserida, e com as fotografias passou a aparecer novos questionamentos a respeito do período. E foi a partir disso que a *Grande Seca* passou a ser um problema social, pois com a circulação dos jornais, tomou uma maior proporção e com isso a implantação dos programas assistencialistas, afim de amenizar o sofrimento daqueles que vagavam miseravelmente pelos grandes centros urbanos.

As narrativas apresentadas estão embasadas no assistencialismo e trabalho aos migrantes da seca. Pensamento voltado para a seca, não somente como um fenômeno climático, mas social, que se constitui como base de modificações de vidas, ou seja, história de homens e mulheres, jovens e crianças, que deixavam seu local de origem, suas vidas, para moldarem novas perspectivas em algum lugar que lhes garantam o sustento e esperanças.

CAPITULO II

SÚPLICAS: CONHECENDO OS MEIOS DE ASSISTENCIALISMO

O século XIX foi uma Era marcada pelo Início da Modernidade nas Províncias, em relação as estruturas dos centros urbanos como também nos maquinários nas fazendas nos setores de agricultura, uma época também conhecida como Belle Époque, uma europeização das grandes cidades no Brasil. Devido ao longo período de estiagem, como vimos no capítulo anterior, muitas famílias recorreram a migração para outras cidades e estados em busca de melhorias, isto só ocorreu porque o período durou três longos anos, fazendo com que todas as reservas de comidas se esvaísse, os animais ficando raquíticos e doentes, ficando inapropriado para o consumo, e isso foi o ápice para o início das migrações, não só para as áreas litorâneas, mas para as os grandes centros urbanos, como a atual capital Teresina.

Os centros urbanos ficaram repletos de mendigos, além do aumento da criminalidade, saqueamentos nos armazéns, a violência, entre outros fatores, devido a isto os líderes das províncias buscaram meios de amenizar a situação, distribuindo rações, mas mesmo assim a cada dia, mês e ano, a população triplicava e o caos aumentava, entretanto, ainda devido as secas anteriores, “A Constituição do Brasil de 1824, entre outros direitos dos cidadãos, previu a garantia aos socorros públicos”¹⁵. Ainda neste período foi criado essa estratégia afim de dá alimentos aos indígenas, como também as câmaras municipais para distribuir aos agricultores, essa assistência foi prestada ainda sob o governo de D. Pedro I, porém, era uma ajuda emergencial.

Como já havia falado, os governantes estavam entusiasmados em modernizar os centros urbanos, com isso já sob o governo de D. Pedro II, o senador envia uma carta ao Imperador, com a proposta de “pegar” os *desvalidos* e coloca-los nas obras públicas, pois devido a extrema miséria “adquiriam comportamentos “bárbaros”, atentatórios contra a boa ordem civilizada que as elites ditas “responsáveis” tantos e empenhavam em preservar. ”.¹⁶ E continuaram insatisfeitos pelas ruas da capital Teresina.

A aflição do povo, que vive a morrer a fome, chegou ao auge do desespero, tem-no levado a assaltar os viveres, quando são conduzidos do porto de desembarque para o deposito onde são guardados. A princípio consistia em furar os sacos de milho, e apanhar depois caroço por caroço do que se derrama no chão. Depois o negócio tornou-se mais sério; o povo investiu contra os

¹⁵ SOUSA, José Weyne de Freitas, “*O projeto Pompeu Sinimbú e o desequilíbrio econômico entre o Nordeste e o Centro-Sul do Brasil (1877-1901)*”, 2019, p. 51.

¹⁶ CANDIDO, Tyrone Apollo Pontes, “*Proletários das secas: arranjos e desarrajos nas fronteiras do trabalho*”, 2014, p. 21.

carregadores, tomou-lhes os sacos, rasgou-os e, no meio de uma confusão indescritível, cada qual se apoderou da porção que pode. O mais singular em tudo isto é que semelhante revolução foi feita tão somente por mulheres. Assistimos a uma cena dessas, na praça da constituição, entre o palácio presidencial e a casa do chefe de polícia.¹⁷

Como pôde-se notar, as mulheres também começaram a praticar os saques, como também passaram a trabalhar nas obras públicas, tidas como as comissões de socorros ou outras atividades, pois o que davam para os seus esposos, pais, etc., era insuficiente para toda a família, principalmente devido aos desvios de verbas.

Havia outro problema - muitas vezes faltavam víveres ou recursos financeiros nos núcleos coloniais e depósitos da Comissão de Socorros Públicos em virtude de desvios realizados por seus encarregados, levando a imprensa a usar o termo “fósforo” para se referir ao emigrante que só existia na lista oficial. Se os desvios foram de domínio público e os recursos deviam, por direito, ser destinados ao socorro de retirantes, as mulheres estavam funcionando sob uma lógica de economia moral própria aos pobres no exercício da justiça (NEVES, 1998).

Os desvios advindos com o intuito de trazer melhorias para os imigrantes e suas famílias eram absurdos e os recursos eram utilizados para enriquecer principalmente as classes mais favorecidas, e as mulheres, em muitos, precisavam assumir o papel de chefe da família, pois com a grande precariedade, a maioria dos homens que eventualmente viesse a contrair alguma doença, ficava ao léu pois não existia atendimento hospitalar, deixando assim suas esposas como o único meio de luta pela sobrevivência dos seus.

2.1 Imigração: Ocupação de Território e Crise das Localidades Piauienses

Anterior ao período da seca, existia uma certa ocupação do território piauiense, principalmente devido o setor da pecuária que era relevante, e devido ao seu crescimento trazia consigo a criação de fazendas e desenvolvimento de áreas maiores de trabalho e oportunidades para o homem do campo, que viu na atividade uma maneira de ter melhores condições de vida e de trabalho, para que assim as suas famílias vivessem bem.

Porém essa atividade já não era tão bem-sucedida antes da seca, pois apesar dos períodos de chuva serem bem proveitosos, existia também os períodos em que a produção vivia em baixa, fazendo com que os resistentes ao período de estiagem permanecessem no local, enquanto aqueles mais frágeis procurassem sempre melhores condições.

¹⁷ A Epoca, Theresina, 18/01/1879 Noticiário, “Assalto aos viveres”, p. 4.

Com a seca instalada na província, o Piauí sentiu a ocupação do seu território de forma intensa e diferente, em 1877, a chegada de milhares de migrantes a algumas de suas cidades do interior, e principalmente a Teresina, ocorreu de forma muito mais assustadora que em períodos posteriores.

O fluxo de vítimas da seca, sobretudo cearenses, foi intenso e contínuo, durante quase 3 anos. A população piauiense, na época, era de pouco mais de 200.000 pessoas, representando apenas cerca de 4% da população nordestina. A densidade demográfica era mínima, menos de 1 habitante p/km², e, excetuadas as cidades de Teresina, Parnaíba e Oeiras, os ‘centros urbanos’ do Piauí não passavam de pequenos amontoados de habitações. Excepcionalmente contavam 500 casas. Nestas condições, a chegada, de forma súbita, de dezenas de milhares de pessoas famintas, esfarrapadas e doentes em busca de alimentos e de pouso, tornava-se um problema de dimensões catastróficas.¹⁸

O jornal A Época calculou em “vinte mil almas a emigração que recebemos do Ceará”; para justificar tal cifra, o periódico indicava relações envolvendo a negociação de gado entre as duas províncias: “O Piauí foi a que maior número de emigrantes recebera, talvez para isso influísse as relações que muitos compradores de gado entretinham com nossos fazendeiros, no transporte daquela província para esta”, até que a intensificação das migrações internas, no próprio Piauí, demonstrou a contaminação da crise provocada pela seca:

Com a continuidade da crise localidades do Piauí que até então recebiam retirantes passaram a ver suas populações abandonarem os campos, seguindo o exemplo dos vizinhos cearenses: “com as nossas plantações inteiramente extintas, ameaçada de perder toda a nossa criação, com emigração tão crescida e naufragada, em uma província pobre e recursos, sem vias prontas de comunicação com os grandes mercados do império, é tristíssima e sumamente dolorosa – si não desesperadora nossa situação Alguns proprietários da província – como os de Príncipe Imperial e Jaicós quase que estão despovoados, porque sua população não encontrando ali mais os meios de subsistência, se internara pelo interior em demanda de outros municípios e especialmente desta capital a procura de recursos.¹⁹

Teresina, por ser a sede do governo provincial, e por sua posição à margem do rio Parnaíba, também concentrou muitos retirantes, o mesmo acontecendo com cidades que ficavam próximas, como é o caso de Campo Maior, ou também margeando o rio Parnaíba, como Amarante e União. Mairton Celestino ressalta que:

O ano de 1877-1879 significou para cidade de Teresina um crescimento da população e, por conseguinte, uma crise na oferta de emprego e no

¹⁸ A Epoca, Teresina, 13/04/1878, “A seca e os emigrantes”[Editorial], p. 01

¹⁹ A Epoca, Teresina, 13/04/1878, “A seca e os emigrantes”[Editorial], p. 01

abastecimento de alimentos na cidade. Grupos de retirantes vitimados pela seca fixaram residência na capital. A precária estrutura da cidade ocasionou a criação de núcleos de socorros aos vitimados pela seca em fazendas privadas. A ajuda imperial era constantemente solicitada, e quando a Corte dava um não como resposta a reação vinha através de crises e conflitos entre a própria elite local. Pequenas atividades urbanas, outrora ocupadas por escravos e homens livres de cor, foram redistribuídas entre os retirantes. O aumento do ócio e da violência entre os “grupos subalternos” da capital começou a ser discutido entre senhores, políticos, comerciantes e eclesiásticos da capital²⁰

A intenção dos retirantes vindos principalmente do Ceará, era chegar ao Piauí e encontrar boas perspectivas de trabalho na cidade, principalmente na capital Teresina, que naquele momento além de receber esses emigrantes do Ceará, também recebia os retirantes que vinham das zonas rurais em busca de melhores condições de vida e de trabalho remunerado.

Com a grande crescente de população a situação dos trabalhadores ficava cada vez mais difícil pois inexistia oportunidades de trabalho.

Os imigrantes eram vistos como criminosos, pelo fato de serem pessoas estranhas, e também pelas más condições de vida, acabavam por viver nas ruas embriagados fazendo badernas, e provocando furtos, fazendo com que os governantes comessem a ficar com medo pois eram pessoas desconhecidas a qual ninguém sabia do que eram capazes de fazer, foi preciso desse modo procurar formar de conter o grande fluxo de pessoas em situação de rua e as principais alternativas eram alocar essas pessoas em algum tipo de trabalho destinado pelos órgãos públicos, e ainda em alguns casos submeter pessoas à prisão devido ao seu comportamento que na maioria dos casos só acontecia devido a situação de desespero que naquele momento era imensa.

A situação em Teresina começou a ficar muito caótica até mesmo por parte das mulheres visto que só ainda existia naquela época trabalho para os homens que nem recebiam salário, apenas alimentos o que não era suficiente para o sustento da família. Essa situação se tornou um cenário propício para os proprietários rurais que viam ali uma forma de obter mais lucro com a mão de obra totalmente sem valor.

Sobre os núcleos coloniais do Piauí, Maria Mafalda Balduino observou que:

A intervenção de socorros do Governo do Piauí, exercido por liberais e conservadores era feita conjuntamente com proprietários rurais que obtiveram tantas vantagens com mão de obra gratuita, a ponto de sugerirem ao governo provincial a criação de núcleos coloniais em suas propriedades, onde abrigariam os emigrantes. Estes núcleos ficariam sob administração de

²⁰ SILVA, Mairton Celestino da. Batuque na rua dos negros: Cultura e política na Teresina da segunda metade do século XIX. Salvador, 2008. Dissertação de Mestrado em História Social –Programa de PósGraduação em História – UFBA. p. 55

proprietários e as despesas custeadas pelo governo. (...) tinha por objetivos receber imigrantes flagelados pela seca em áreas próximas à capital, de forma a resguardá-las de entradas maciças, evitando, assim, possíveis problemas sociais. ”²¹

O governo viu então na oferta dos proprietários rurais em abrigar os imigrantes, uma maneira de tentar solucionar os problemas desenvolvidos em decorrência da seca no estado, como uma maneira de conter a população. Por quase todas as províncias que enfrentavam o período de seca, ao mesmo tempo em que aconteciam todos os conflitos, expandiu-se uma rede de solidariedade que se organizava a partir de inúmeras “comissões de socorros”, que recolhiam alimentos e dinheiro, enviando os valores apurados ao Presidente da Província do Ceará, para que fossem distribuídos entre os pobres.

Naquele contexto as pessoas que se encontravam marginalizadas consideradas rebeldes ou retirantes, precisavam de alguma maneira não estarem mais presentes na visão da sociedade pois devido a essa marginalização o aumento da taxa de mortalidade era muito grande.

Nesse pressuposto os imigrantes eram “usados” como mão de obra “gratuita” tendo em vista que o único pagamento recebido por horas exaustivas de trabalho nas obras governamentais e nas fazendas dos proprietários rurais, era comida em forma de “ração”, o que não supria a necessidade das famílias fazendo com que ocorresse ainda mais revolta por parte, principalmente, das esposas que não tinham o que fazer a viam seus maridos sofrendo e os filhos passando necessidades que não eram capazes de suprir.

2.2 Meios de Assistência Oferecidos Pelo Governo

A grande emigração recebida pelo Piauí com a seca, ocasionou diversos problemas para aquela época, era muita gente para a pouca produção principalmente no que se diz respeito a gêneros alimentícios e cereais pois tudo o que era produzido partia direto para o mercado para atender a população. O declínio na produção se dava pelo fato de não haver chuvas e nem condições favoráveis para o cultivo e plantio e as pessoas acabaram por optar por abandonar o campo e ir para a cidade em busca de oportunidades de trabalho, que não existia, pois, os poucos que conseguiam alguma coisa, eram os homens e em troca de “alimentos” que não supria a necessidade das famílias como visto no item anterior.

²¹ ARAUJO, Maria Mafalda Balduino de. O Poder e a seca no Piauí (1877-1879). Teresina: FUFPI, 1991.

A população que já saíram das lavouras onde viviam por meios extremamente desumanos como a pé, correndo pelo ato do desespero, chegavam ao Piauí totalmente debilitados e sem a oferta de trabalho ou de alimentos muitos morriam de fome e desidratação.

A província chegara ao então o ápice do desespero e sem saída iniciou-se uma pressão da população, em relação ao governo para que tomassem medidas, com ameaças de invasão e apropriação de prédios e bens públicos e essas manifestações se davam principalmente através das mulheres insatisfeitas visto que os homens poderiam sofrer represarias maiores como prisão ou demissão.

As autoridades depararam-se então com grandes problemas em decorrência do alarmante número de retirantes chegados na região, eles então viram ali uma oportunidade de se “aproveitar”, oferecendo trabalho nas obras da prefeitura e até mesmo nos núcleos coloniais em troca de baixíssima remuneração.

O poder estava no contexto, sempre acima de toda a pobreza e dificuldades enfrentadas, a mão de obra era explorada de maneira desenfreada pois a política de assistencialismo era dotada de manobras que visavam apenas beneficiar principalmente os fazendeiros, que quando contratavam um funcionário não tinha nenhuma obrigação que não fosse oferecer-lhe a ração em forma de alimentos, e também o governo que se utilizava das dificuldades para obter melhorias através de obras da prefeitura que eram realizadas pela mão de obra escrava dos emigrantes.

O aproveitamento da mão de obra era tão intenso que fazendeiros e poder público lucraram com esse período de calamidade, pois ao invés de prestar a assistência devida à população, se valia das verbas, para o desvio de dinheiro e alimentos que tinha como principal interesse apenas enriquecê-los através da venda dos gêneros alimentícios por preços inacreditáveis para uma população que já não possuía nenhum tipo de recurso

Em determinado momento cogitaram até mesmo: “Manda encher os vapores da companhia dessa pobre gente e ordena que ella seja atirada na cidade de Parnahyba ou no porto de Amarração e depois (...) que se arrume. A expectativa para os retirantes segundo o articulista de A Epoca, não era nada animadora, “será, portanto, fatal a sorte que espera essa pobre gente, que se trata de retirar desta Capital para ir morrer mais longe, fora das vistas do governo”²²

Os homens livres, devido à mão de obra barata, voltavam a sofrer com a escravização, mesmo sendo livres. Uma das formas de pagamento era oferecer-se uma caneca de arroz “pouco mais ou menos, a cada pai ou mãe de família, que tivesse em casa 8 a 10 bocas, a espera dessa

²² A Epoca, Theresina, 13 de abril de 1878, Noticiário“O governo e os emigrantes”, p.4

migalha concedida em 24 horas, a excepção dos dias santificados (...) em que não se devendo trabalhar, não se pôde exigir da comissão cousa alguma”. Através de um relato dramático e sofrido, finalizando-se com o relato: Emigrantes, fugi, não esperais os trinta dias fataes que a comissão vos aguarda, fugi já e já para outra província, do contrário vossa extincção será certa, deixae lançar os saccos de viveres no rio, já que a caridade dos homens a tanto chega!²³

Os imigrantes que trabalhavam nas obras públicas, funcionavam como uma espécie de camufladores, pois eles eram inseridos nesse tipo de trabalho afim de fazer com que diminuísse o número de pessoas nas ruas que estavam marginalizadas e passando fome, assim o governo passava uma imagem de assistencialismo quando na verdade se aproveitava da mão de obra para a construção de diversas obras e passar uma boa imagem para a província.

Tyrone Apollo na sua tese, eram impostas as condições de prestarem serviços em obras públicas, a exemplo deste fato cita algumas ferrovias, entre elas as de Sobral e Baturité, sendo construídas, em quase sua totalidade, pelos flagelados.

Ou seja, esse exemplo pode ser utilizado como uma das muitas obras que eram construídas por esses trabalhadores que na verdade viviam em condições precárias de seres livres, porem escravizados devido a sua condição de necessidade.

Os fazendeiros viram, portanto, com a grande chegada de novos moradores, umas maneiras de obter maiores lucros pois não possuíam a responsabilidade de pagar salários e, portanto, teriam disponível a mão de obra, sem praticamente nenhum gasto.

E isso não era tudo. Mesmo com o período de seca enfrentado pelo estado, as verbas continuavam a chegar para o governo no intuito de minimizar os impactos causados pela superpopulação que se instaurava na província, sendo criada a comissão de socorros públicos composta principalmente por membros da alta sociedade que visava favorecer principalmente sua família e os fazendeiros através de acordos que tinham como principal interesse a preservação de verbas.

O Jornal A Época buscava em suas publicações chamar a atenção das autoridades visto que a situação já chegava a calamidade pública pois além da fome as pessoas estavam sendo dizimada pela alta transmissibilidade de doenças contagiosas. Através das inúmeras publicações o jornal tinha como principal objetivo tornar pública a urgência em se estabelecer

²³ A correspondência tem data de junho de 1878, assinada em Amarração, supostamente por um cearense que havia emigrado do Crato, possuía parentes em Amarração e teria se alistado para os trabalhos na Comissão de Socorros Públicos de Parnaíba, pois queria “ver para crer”. A Epoca, Theresina, 24/08/1878, Secção Particular, “Como se morre de fome na Parnahyba”, p.3.

medidas que ceifassem as irregularidades e corrupções que surgiram com a instauração das políticas assistencialistas.

Com tantos problemas já não havia outra saída que não fosse fazer com que parte desses retirantes fossem remanejados para as províncias vizinhas no intuito de disponibilizar para eles melhores condições de vida através do trabalho e disposição de gêneros alimentícios.

Sancho de Barros Pimentel, ao assumir seu cargo como novo presidente da província, no ano de 1878, buscou estratégias para promover a saída dos imigrantes para outras províncias, que era realizada principalmente através da distribuição de passagens para que os retirantes pudessem sair do Piauí e migrar em direção de novas perspectivas e oportunidades.²⁴

Portanto, a intenção através do desenvolvimento das políticas de assistência à nova população que se instalava no Piauí, acabou por apenas privilegiar as classes mais favorecidas através do fornecimento de trabalho alusivo à escravidão, deixando para trás toda a situação precária enfrentada no período de seca e de superpopulação na província.

2.3 A intervenção feminina e o auxílio do Jornal “Época”

Diante do cenário em que a Província do Piauí vivia no período da seca, as mulheres foram as protagonistas nas reivindicações e revoltas, além de cobranças de algum posicionamento em relação às autoridades, os seus relatos através das cartas às quais solicitavam, foi a principal saída encontrada pelos imigrantes, visto que os homens não podiam sequer reclamar das condições de trabalho precárias e da falta de salário, pois corriam risco de perder seus empregos, onde apesar de não existir salário, era a única fonte de alimentação que existia no contexto caótico da época, e até mesmo serem presos.

A figura feminina passa a ser então aquela que vai em busca de melhorias na qualidade de vida, pois eram elas que viam seus filhos passar fome, frio e todas as condições precárias.

Em algumas cartas, em que muitas vezes estas mulheres no ato de desespero imploravam para que os oficiais a endereçassem ao governo. Pode-se destacar que existia um grande clamor para que as necessidades das famílias de migrantes fossem atendidas, pois os mesmos viviam ao léu sem possuir nem ao menos roupas para vestir-se, e a disposição de alimentos não matava a fome de todos os membros das famílias, vale ressaltar também na

²⁴ ARAÚJO, Maria Malfada Balduino de. O poder e a seca de (1877 a 1879) no Piauí. Teresina: Academia piauiense de Letras, 1991. p. 49.

grande falta de atendimentos médicos e de remédios e devido a fome e a desnutrição muitos deles acabavam por morrer.

Então era solicitado na maioria das vezes que fosse disponibilizada determinadas quantias em contos de reis para que os migrantes conseguissem ao menos sobreviver no sentido de não passar fome ou morrer por conta de doenças, pois com esses recursos eles conseguiriam dividir entre si, e conseguir manter-se por determinado tempo, que na verdade seria inicialmente o que foi proposto pela comissão criada pelo governo com essa finalidade, quando na realidade as verbas eram utilizadas apenas para o privilégio daqueles que a remanejavam.

Os migrantes já cogitavam se apossar do depósito feito pelo governo para armazenamento de alimentos e insumos de subsídio, e com o auxílio da imprensa que instigava cada vez mais a insatisfação eles começaram a criar cada vez mais coragem assustando assim as autoridades locais.

As exigências eram cada vez maiores de um posicionamento sério das autoridades, o Jornal A Época, expunha as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes tornando públicas as irregularidades e corrupções que estavam acontecendo com as verbas que eram recebidas pelo governo, onde os alimentos não eram distribuídos da forma correta e muitas vezes eram vendidos a preços exorbitantes. As ameaças de saque dos órgãos públicos, principalmente pelas mulheres então passaram a se tornar realidade. Todos esses problemas causaram uma imensa situação de baderna, principalmente na capital Teresina que foi a que mais recebeu imigrante.

A não participação de homens na ação poderia ser justificada como uma tentativa de evitar repressão direta, tais como prisão ou demissões das obras públicas, sem falar nos elevados índices de mortalidade em abarracamentos para retirantes, causadas por epidemias ou desnutrição pois assistência prestada para a população era escassa pois a quantidade de pessoas era muito grande, e esse fator fazia com que muitas pessoas doentes morressem por falta de atendimento fazendo com que muitas famílias fossem fragmentadas, e a mulher assumia a condição de chefe de família.²⁵

Como já citado, foram criados os núcleos coloniais no intuito de dar apoio à população e os imigrantes, que tinha como principal objetivo melhorar a qualidade de vida dos migrantes disponibilizando para eles alimentação, vestuário, remédios dentre outros itens de necessidades

²⁵ BARBOZA, Edson Holanda Lima. *A hidra cearense: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884)*. São Paulo, 2013.

básicas, quando na verdade o que acontecia era a oferta de moradia, em troca da sua mão de obra, ocorrendo assim o da produção nas fazendas e o maior enriquecimento dos proprietários.

Vemos, portanto que. Segundo a autora Maria Mafalda:

A medida da criação dos núcleos coloniais tinha por objetivo receber imigrantes flagelados da seca em áreas próximas a capital de forma a resguardá-las de entradas maciças, evitando, assim, possíveis problemas sociais. Um outro fato que levou a administração provincial a empreender o estabelecimento desses núcleos, foi a carência da mão-de-obra escrava e a existência de abundante mão-de-obra para o trabalho agrícola, oriunda da zona rural nordestina com paratécnica agrícola tradicional. Este fato impulsionou a passagem do trabalho escravo para o livre na província do Piauí.

Mas não era bem assim que as coisas aconteciam. Os fazendeiros viram ali uma forma de obter grandes lucros nas produções pois não possuíam nenhum tipo de preocupação a não ser “abrigar” os flagelados que se encontravam em situação de miséria. Porém não desempenhava o seu papel pois, além de existir um grande desvio de verbas na intenção de enriquecer os envolvidos, eles não precisavam pagar salários.

Ainda segundo a mesma autora:

A intervenção de socorros do Governo do Piauí, exercido por liberais e conservadores era feita conjuntamente com proprietários rurais que obtiveram tantas vantagens com mão de obra gratuita, a ponto de sugerirem ao governo provincial a criação de núcleos coloniais em suas propriedades, onde abrigariam os emigrantes. Estes núcleos ficariam sob administração de proprietários e as despesas custeadas pelo governo. (...) tinha por objetivos receber imigrantes flagelados pela seca em áreas próximas à capital, de forma a resguardá-las de entradas maciças, evitando, assim, possíveis problemas sociais.” (ARAÚJO, 1991, p. 80).

Como era o governo o responsável de suprir os gastos, foi necessário que o presidente provincial solicitasse a diminuição desses núcleos tendo em vista que os gastos ultrapassavam os limites, porém essa diminuição não teve muitos benefícios visto que a quantidade de imigrantes só crescia e as vezes o governo precisava gastar até mais do que o que era gasto quando existia uma grande quantidade de núcleos coloniais.

Portanto observa-se que mesmo com a criação dos núcleos a situação dos migrantes não teve mudança nenhuma, pois estes permaneciam sem nenhum auxílio e continuavam por viver em uma condição de fome e miséria. Não possuíam sequer vestimentas, higiene e nenhum tipo de cuidados básicos e aqueles que conseguiram choupanas também não tiveram qualquer tipo de ajuda para se manter e manter suas famílias.

O jornal A Época, na edição 00005, de 04.05.1878, precisou intervir novamente, retratando as diversas problemáticas desses núcleos coloniais, como pelo o aumento dos migrantes em outras fazendas, após a diminuição dos núcleos. O jornal traz como exemplificação três proprietários de fazendas que tiveram a quantidade de migrantes aumentada, seriam: “Sr. Marino Gil, que então tinha 300 emigrantes, tem hoje mais de 800. O Sr. José Ferreira de Vasconcellos, que tinha 400, tem agora mais de 1.200”. O Sr. Raymundo Sinval de Vasconcellos, que supria a 380, supre actualmente 1.005”²⁶

Nesse pressuposto, com o aumento constante dos migrantes na província, de todas as formas os gastos iriam aumentar, e mesmo com o aumento desses gastos, a situação de precariedade de vida dessas pessoas continuava a mesma, pois o que faltava na realidade é que fosse feita uma fiscalização de verbas que eram aplicadas apenas no crescimento e aumento das obras públicas e na produção das fazendas, aumentando assim constantemente os benefícios para os fazendeiros e para a boa visão que existia por parte das autoridades perante a alta sociedade da época.

Dentro do cenário as quais eram submetidos, as súplicas pelo básico para a vivência como seres humanos era constante, pois:

O ano de 1878-1879 significou para a cidade de Teresina um crescimento da população e, por conseguinte, uma crise na oferta de empregos e no abastecimento de alimentos na cidade. Grupos de retirantes vitimados pela seca fixaram residência na capital. A precária estrutura da cidade ocasionou a criação de núcleos de socorros aos vitimados pela seca em fazendas privadas. A ajuda imperial era constantemente solicitada, e quando a Corte dava um não como resposta a reação vinha através de crises e conflitos entre a própria elite local. Pequenas atividades urbanas, outrora ocupadas por escravos e homens livres de cor, foram redistribuídas entre os retirantes.²⁷

²⁶ BN/ HDB. Jornal “A Época – 1878-1884”. 04/05/1878, p. 4.

²⁷ SILVA, Mairton Celestino da. Batuque na rua dos negros: Cultura e política na Teresina da segunda metade do século XIX. Salvador, 2008. Dissertação de Mestrado em História Social –Programa de Pós-Graduação em História – UFBA.

As mulheres quando se tornavam as chefes das famílias se viam praticamente de mãos atadas pois as oportunidades para elas eram inexistentes visto que não possuíam nem sequer acesso aos estudos, quem dirá vagas de emprego. Tudo que elas conseguiram fazer foi a solicitação de escritas das cartas para suplicar por socorro e ajuda, e seus únicos aliados ali era a imprensa que estava constantemente noticiando as corrupções e cobrando de certa forma algum posicionamento por parte das autoridades.

Um dos relatos de suplica a destacar:

Luzia Joaquina Roza, natural desta província, pobre desvalida, tem a seu cargo 1 filho menor de nome José, achando-se sem meios algum de subsistência, vem muito respeitosa e implorar de Vossa Excelência a graça de mandar socorrê-la com vestuários e alimentos com que o governo está despondo a pobreza, para si e seu referido filho.²⁸

Os pedidos de ajuda eram destinados principalmente para a comissão de socorros públicos que era formada por integrantes da elite da província, e dessa forma pessoas que detinham de pouco interesse com a situação a qual os migrantes estavam passando, as cartas que eram pedidas por mulheres ajuda a entender o contexto histórico da época, o quanto essas pessoas viviam marginalizadas e até mesmo os órgãos públicos que diziam criar medidas para auxilia-los faziam pouco caso da situação tratando-os apenas como indigentes.

Os 3 anos de seca enfrentados não somente pelo estado, o que pode ser constatado pelo fato de que muitos retirantes não conseguiam seguir viagem para o seu destino final e decidiam então permanecer na província a fim de receber recursos para a sobrevivência, acabaram por ser um período desastroso para as classes mais pobres que dependiam do governo para sobreviver, e um período de grandes avanços para as classes privilegiadas que além de estocar comida e produtos de necessidade básica, conseguiram através de dinheiro público aumentar a sua produção e desse modo enriquecendo cada vez mais.

Geralmente os migrantes eram pessoas pobres que já deixara os seus locais de origem em busca de melhores condições de vida e que infelizmente não conseguiram encontrar na província do Piauí o subsidio a qual tanto almejavam, perdendo membros da família e conhecido devido a escassez de qualquer tipo de ajuda que pudesse advir do governo local.

²⁸ APEPI. Palácio da presidência. Correspondência recebida (requerimentos), comissão de socorro. Ano 1879. Requerimento em que Luzia Joaquina Roza pede auxílio à comissão de socorros da capital.

O que era implorado às autoridades, nos documentos disponíveis não se relacionava em nenhum momento à coisas extraordinárias, nos relatos pode-se observar que o que almejava-se era apenas vestuário, alimentação que fosse suficiente e em muitos casos auxílio médico e remédio para tratar doenças e mesmo com todos os meios de assistencialismo criados pelo governo, era muito difícil conseguir devido tudo que já foi citado.

O jornal A Época, através da notícia “Emigrantes” denunciava o sumiço dos cereais bem como de outros recursos oferecidos pelo Governo Central através da seguinte publicação:

“Os viveres enviados pelo governo central somem-se escondem-se com rapidez incrível, sem que se sabia como nem o rumo que tiveram. Aparecem depois expostos a venda em diversas tavernas, que se suprem no celeiro público, como geralmente se diz, para fornecer pequenos lucros aos que especulam com a penúria da população desfavorecida [...]

Ou seja, o governo pregava um falso assistencialismo que na verdade não existia, apenas na forma de gastos exorbitantes que eram destinados à uma minoria da população que já detinha de recursos individualmente e poderiam sobreviver e manter suas famílias sem a necessidade de ter acesso às verbas que eram destinadas principalmente para os emigrantes que chegara sem nenhuma condição de sobrevivência ou qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seca enfrentada pelo Piauí entre os anos de 1877-1879 tornou-se um grande desafio para as pessoas que eram tidas como livres no que se diz respeito ao seu trabalho.

Pelo grande aumento no fluxo de migrantes que chegaram ao estado, o trabalho passou então a ser desvalorizado e passou a ser utilizado como mão de obra de caráter escravo, visto que estes não recebiam nenhuma forma de auxílio salarial para que pudessem então sustentar suas famílias.

Toda a situação enfrentada pelas famílias nesse período tornou-se então uma calamidade pois o trabalho que já não era muito valorizado na época, passou a ser utilizado como uma forma de aclamar o governo e os fazendeiros no sentido de que este oferecia-os para as pessoas que já advinham de outros estados em busca de melhorias, com a única intenção de aumentar a produção no campo fazendeiro, e crescimento das cidades através das obras que eram construídas.

O único pagamento recebido por esses trabalhadores era uma espécie de ração que não supria nem ao menos a necessidade de todos os membros da família fazendo com que muitas pessoas morressem por desnutrição. Àqueles que adoeciam infelizmente também não dispunham de nenhum recurso hospitalar ou de remédios para o seu tratamento e também acabavam por falecer.

O Governo viu na criação de meios assistencialistas como uma forma de ajudar as pessoas que viviam em situação de calamidade pela busca de melhores condições, mas infelizmente àqueles que ficavam responsáveis por distribuir as verbas e alimentos visavam apenas o seu crescimento e enriquecimento individual deixando-os ao léu sem nenhuma perspectiva de mudanças e melhorias na qualidade de vida.

Com o aumento constante na migração, as mortes também aumentavam na província pois as condições de trabalho oferecidas aos trabalhadores que na sua maioria eram homens também eram precárias fazendo com que muitos morressem até mesmo exercendo a sua função de trabalhador e deixando suas esposas como as únicas que pudesse provir algum sustento para os filhos, passando para elas o “mérito” de chefe da família.

Na condição de mulheres em uma sociedade a qual estas não possuíam nem ao menos acesso aos estudos, a única coisa que estava ao seu alcance era procurar pessoas que pudessem redigir para elas cartas a fim de suplicar ao governo que fossem tomadas providencias não somente para si. Nas súplicas sempre era destinado pedido de ajuda para todos os retirantes que ali estavam instalados sem nenhum retorno por parte das autoridades visto que todas as políticas

assistencialistas desenvolvidas pelo governo acabaram por apenas financiar esquemas fraudulentos de enriquecimento das classes mais favorecidas que eram aqueles que estavam a frente de distribuir e de dar assistência aos migrantes.

A presente pesquisa voltada aos trabalhadores no período crucial da seca, demonstra, portanto, o quanto as políticas públicas desde os tempos passados na sua grande maioria servem, na grande maioria das vezes, apenas para favorecer aqueles que já são favorecidos devido a sua posição social.

Os trabalhadores e suas famílias, portanto, podem ser vistos como seres totalmente marginalizados, tratados por sua vez como escravos sem direitos e sem nenhum valor como indivíduos pertencentes a uma sociedade. Através do presente trabalho objetivou-se demonstrar que muitos dos reflexos de desigualdades que existem atualmente estão enraizados, não somente no estado do Piauí, como também em toda a sociedade brasileira.

Buscou-se, portanto, despertar o interesse na reflexão sobre a importância do trabalho e de como ele deve ser valorizado, tendo em vista as péssimas condições as quais a população eram submetidas naquela época apenas por estarem em um momento fragilizado e marginalizado, aceitando assim as condições que lhes eram impostas.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

NUPEM. Relatório do presidente da Província do Piauí, Dr. Adelino Antonio de Luna Freire, apresentado a Assembleia Legislativa Provincial. Impresso na Typ. B. de Mattos, San Luiz. 09/09/1867, Anexo C, p. 14.

JORNAIS – BIBLIOTECA DIGITAL DO RIO DE JANEIRO: <
<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> >.

BN/ HDB. Jornal “A Época – 1878-1884”. 13/04/1878, p. 4.

BN/ HDB. Jornal “A Época – 1878-1884”. 13/04/1878, p. 1.

BN/ HDB. Jornal “A Época – 1878-1884”. 21/12/1878, p. 4.

BN/ HDB. Jornal “A Época – 1878-1884”. 04/05/1878, p. 4.

BN/ HDB. Jornal “A Época – 1878-1884”. 17/03/1878, p. 1.

MANUSCRITOS – ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ

APEPI. Palácio da presidência. Correspondência recebida (**requerimentos**), comissão de socorro. Ano 1879. Requerimento em que Luzia Joaquina Roza pede auxílio à comissão de socorros da capital.

APEPI. Palácio da presidência. Correspondência recebida (**requerimentos**), comissão de socorro. Ano 1879. Requerimento em que Luzia Joaquina Roza pede auxílio à comissão de socorros da capital.

APEPI. Palácio da presidência. Correspondência recebida (**requerimentos**), comissão de socorro. Ano 1878. Requerimento em que Dix Lima Maschima de Jezus pede auxílio à comissão de socorros da capital em data de 20 de março de 1878.

APEPI. Fundo Palácio do Governo. Série: Comissão de Socorros. Subsérie: Correspondências Recebidas (**requerimentos**). Ano: 1876-1889. Caixa sem numeração. Requerimento de Verônica Maria do Espírito Santo à comissão de socorros da capital em data de 18 de março de 1879.

APEPI. Fundo Palácio do Governo. Série: Comissão de Socorros. Subsérie: Correspondências Recebidas (**requerimentos**). Ano: 1876-1889. Caixa sem numeração. Requerimento de Manoel de Souza Mourão. 59

APEPI. Fundo Palácio do Governo. Série: Comissão de Socorros. Subsérie: Correspondências Recebidas (**requerimentos**). Ano: 1876-1889. Caixa sem numeração. Requerimento de Manoel Gonçalves de Carvalho à comissão de socorros da capital.

I – APEPI - ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ.

1. FONTES MANUSCRITAS – CÓDICES E AVULSOS:

- Correspondências do Palácio da Presidência do Piauí com o Palácio do Rio de Janeiro. Anos: 1850-1880. Caixa sem numeração;
- Correspondência recebida do Palácio Governo. Min. E Secretaria do Estado dos Negócios da Justiça. Anos: 1852-1854. SPE. CÓD. 070. ESTN. 01. PRAT. 02;
- Fundo Palácio do Governo. Série: Comissão de Socorros. Subsérie: Príncipe Imperial. Ano: 1876-1889. Caixa 320;
- Fundo Palácio do Governo. Série: Município. Subsérie: Campo Maior. Anos 1864-1869. Caixa, 38;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina.** Teresina-Piauí: EDUFPI, 2010.
- _____. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí.** Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.
- BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Zonas de Contato no Piauí Oitocentista:** rotas de retirantes e escravizados. Ano I, Vol. I, Num.2 (2013)
- BARBOZA, Edson Holanda Lima. **A hidra cearense:** rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884). São Paulo, 2013.
- BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. **Imprensa e fotografia:** imagens de pobreza no Ceará entre o final do século XIX e início do século XX. In.: Projeto História. São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História. PUC, n. 24, p. 421-429, jun. 2002.
- CABRAL, Ivana Campelo. **Sertanejos piauienses: trabalhadores livres no Piauí rural escravista, 1850-1888.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.
- CAMPOS, José Nilson B. “Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos.” *Estud. av.* [online]. 2014, vol.28, n.82, pp.65-88.
- CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. *Ataliba, o vaqueiro.* 11 ed. Teresina: Quixote, 2012.
- DANTAS, Monica Duarte (Org.). **Revoltas, motins revoluções:** homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.
- DOMINGOS NETO, Manoel; BORGES, Geraldo Almeida. **Seca seculorum:** flagelo e mito na economia rural piauiense. 2 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 1987.
- FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. **Enxadas e Compassos: seca, ciência e trabalho no sertão cearense (1915- 1919),** Salvador, 2009.
- GADELHA, Georgina da Silva, LIMA, Zilda Maria Menezes, **Cortejo de Miséria: seca, assistência e mortalidade infantil na segunda metade do século XIX no Ceará.** História e Cultura, Franca, v. 6, n. 2, p.101-118, ago-nov. 2017.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada.** São Paulo: HUCITEC, 2006.
- NEVES, Frederico de Castro. **A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará.** Tempo, Rio de Janeiro, vol. 11, num. 22, 2007.

_____ **A multidão e a história:** saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí:** Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007. (Coleção Grandes Textos, v. I, II, III e IV).

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Economia piauiense:** da pecuária ao extrativismo. Teresina: EDUFPI, 1993.

RUDÉ, George. **A multidão na história:** estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730-1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **Para uma historiografia literária do Piauí:** a narrativa da seca. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2013.

SOUZA, José Weyne Freitas. **Secas e Socorros públicos no Ceará doença, pobreza e violência (1877-1932).** Projeto História, São Paulo, n. 52, pp. 178-219, Jan.-Abr. 2015.

_____ “*O projeto Pompeu Sinimbú e o desequilíbrio econômico entre o Nordeste e o Centro-Sul do Brasil (1877-1901)*”, **Rev. Econ. NE, Fortaleza**, v. 50, n. 3, p. 49-67, jul./set., 2019.